

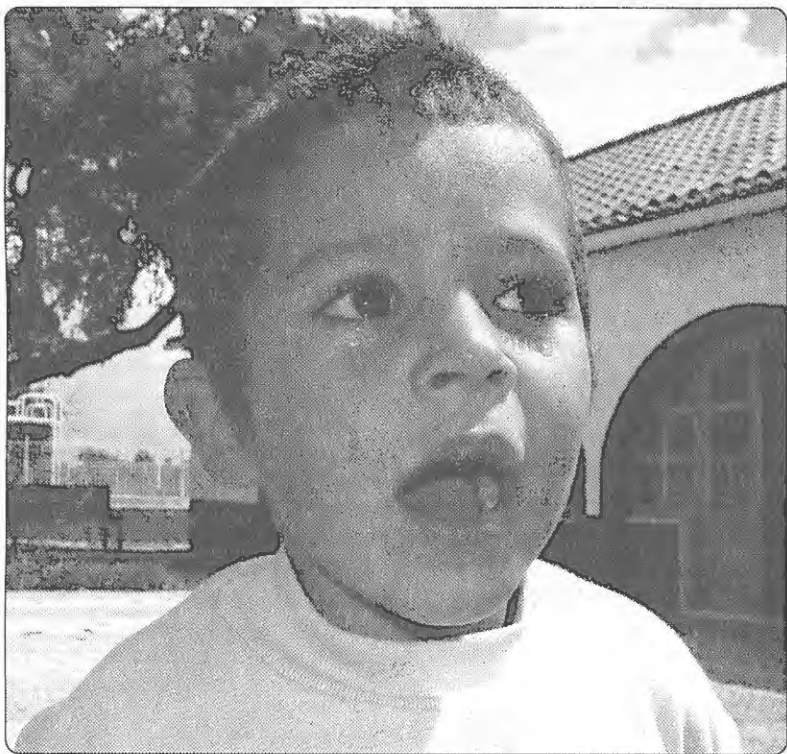


**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**  
AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVÓLUCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE05582008GRC



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo 24 de Maio de 2008 • Ano LXV • N.º 1675 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa  
Director: Padre João Rosa Preço: € 0,33 (IVA incluído) Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Cont. 500788898 • Reg. D.G.C.S. 100398 • Depósito Legal 1239



## De Maio e da Mãe

JÁ «meio-cota» que somos, a nossa memória torna-se um verdadeiro índice de um rico e autêntico livro. Há páginas, nesse dito, de oiro, perfumadas de alfazema e rosmaninho. O calendário conduz-nos, inevitavelmente, a dias e datas consignadas na mente e no coração.

De entre todas, o mês de Maio, torna-se um verdadeiro santuário da memória. Nele se conservam pergaminhos com nomes próprios e sonantes: Maria, coração, Fátima e Mãe. São nomes que lhe dão cor, beleza e imortalizam o seu carácter eternamente primaveril e feminino. O mês de

Maio traz a marca do maternidade, do feminino e da fecundidade. Marcas que fundamentam o equilíbrio do homem no seu ser e no seu agir; no seu existir em si e na sua abertura aos outros como factor de crescimento e felicidade.

De entre toda a simbólica de Maio merece destaque o nome de Mãe. Essa é a moldura mais encantadora desta parte do calendário. Ela enquadra o horizonte dos humanos, enchendo-o de sentido, segurança e amor pela vida fora, até ao ocaso. Dizer Mãe é recordar o socorro das horas tristes; é regressar ao lar primeiro, onde o pão tem o sabor do colo e do amor partilhado.

De vez em quando, cá em Casa, o telefone toca de muitos modos e em muitos bolsos. Mas há telefonemas especiais: são os das mães! O «F» tem o dele apreendido, por uso indevido... Nós, há muito que nos habituámos a conservar os números que dizem «mãe» em confidências especiais. Por isso, ele toca. Desta vez tocou para saber notícias de «F». Era um toque de lá, bem longe, no coração do Alentejo. Pedimos por nos chamarem o Rapaz. O diálogo era muito

afetuoso: «tu cá, tu lá», como agora se usa... o que nem sempre significa mais proximidade e, neste caso, era realidade flagrante. Não nos afastámos. O Rapaz estava à-vontade, percebemos. No fim do telefonema perguntámos: «como se chama a tua mãe?» Resposta singela e pura: «não me lembro... o padre tem aí no processo».

Pareceu-nos tudo tão confuso e estranho. Já lhe prometemos ir ao Alentejo à procura do tesouro, esquecido; talvez perdido, mas ainda a tempo de reencontro e valorização. O tempo urge!

Não pode haver memória que valha, nem para números nem para letras, nem para afectos consistentes e fecundos quando a memória daquelas três letrinhas — mãe — se não tornou duradoura e persistente. Mesmo que o pão sobre na mesa! O cântaro soará sempre a vazio.

Pensamos sempre com preocupação o problema dos nossos. Quem dera fossem uma excepção... Não é assim, bem o sabemos. O deserto dos afectos duradouros, perde-se de vista e, mesmo do alto da montanha, parece não ter fim.

Padre João

## MALANJE

### Meditando

«URGE voltar às fontes». Lá, nas fontes, encontramos Jesus Vivo na Sua total plenitude! Não precisamos de caminhar até ao Seu tempo e lugar... O Senhor é sem lugar e sem tempo. Ele é! Está Vivo no meio de nós!

Vivamos esta realidade. Sintamos, aqui e agora, a Sua presença adorável. Presente, opera em cada um dos nossos actos. Procuremos sentir e viver esta maravilha.

«Boa Nova de Deus».

Estou aqui! Eu sou! E os Reis Magos entraram na casinha e O adoraram. Tudo simples. Ele veio para todos: ricos e pobres, bonitos e feios, pretos e brancos, justos e pecadores; a prostituta beijou-Lhe os pés, S. Francisco deixou as farras, S. Martinho deu a capa, inumerável multidão deu a vida. Salvação para todos! Mesmo ali — na entrada da porta de cada um.

E, somente, o amor basta! Todo o resto deve girar em volta. Pequenos satélites em volta do Astro-Rei.

Pelo amor saberemos escolher o que agrada a Deus ou não. Ele supõe a Fé, a Liberdade, a Vida. Não precisamos ser sábios nem considerados; indiferente: ter ou não ter, saudável ou doente. Simplesmente queremos bem ao Senhor.

Assim é: termos a vida e darmos a vida.

Desde sempre, Deus amou o mundo! Ele é Amor!

Mais e importante para nós: Ele ama-nos e suspira, ansiosamente, pelo nosso amor!... Realidade que nos pasma e entontece! A nós como somos! Senta-nos à Sua mesa e ao partir do pão revela no Seu olhar todo o carinho por nós. Nem o mais breve ressentimento... Como se fôssemos os mais amorosos e fiéis dos filhos.

Perante esta bela e admirável certeza — o que de mais maravilhoso nos pode acontecer nesta vida, é encontrarmos o Senhor! Depois desta maravilha, única, e quando verdadeira, todo o resto não tem grande importância:

Somente Ele!

Entrega radical!

Doação alegre!

Loucos para o mundo!

Amar! Sobretudo, deixarmo-nos amar pelo Senhor!

Apesar da nossa pobreza e fraquezas, sintamos e desejemos esta totalidade.

Padre Telmo

## SETÚBAL

### Os Pobres são a nossa riqueza

OS Pobres continuam a bater à nossa porta. Existimos para eles. Eles são a nossa riqueza. Só um coração pobre para eles tem lugar.

Estão diante dos olhos de todos, os resultados de uma fé diferente da nossa — a riqueza a espalhar pobreza. A riqueza faz cegos os olhos dos que por ela se deixam cativar.

Não fazemos a apologia da pobreza. Mas sahemos que só ela conduz os corações para que todos tenham lugar à Mesa. A criação dispõe de uma mesa abundante para que a ninguém nada falte. Mas não é isto que vemos...

Um coração soberbo torna-se avarento, e nada há que o satisfaça. Daqui as muitas misérias

a que assistimos e as muitas pobres geradas. Esta é uma doença contagiosa dos nossos dias. Contraindo-se a soberba, espalha-se a pobreza. É uma «doença de morte» e o resultado é que a «miséria vence». Assim no tempo de Pai Américo, assim no nosso.

O rosto dos Pobres não é o mesmo de há setenta anos. Mas é ainda um rosto real e humano, com quem todos nos cruzamos nos nossos caminhos.

À medida que vemos crescer os nossos Rapazes e os vemos partir da Casa paterna, não como o filho pródigo levando riquezas para semear misérias; olhamos para vidas dignas, para homens honestos capazes de assumir a sua vida e de a levar a bom porto; sentimo-nos felizes por os

termos enriquecido com a nossa pobreza.

Somente uma mágoa nos fica: não os vemos enriquecidos com a dádiva que Deus preparou para o homem, uma companheira para todos os momentos, carne da sua carne. Recebem do mundo mais esta miséria, depois de tantas outras de que a riqueza do mundo é fértil em criar.

A riqueza é sedutora. Ela ataca os olhos dos incautos e facilmente os domina, e torna-os objecto dos seus apetites.

A pobreza não força ninguém. Só ela dá plena liberdade e trata todos como sujeitos da sua vida. Só ela ama, espalhando este seu perfume à sua volta. Esta é a sua maior riqueza.

Padre Júlio

# Pelas CASAS DO GAIATO

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

**PARTILHA** — Recebemos do assinante 5963, de Paço de Arcos, 350 euros. Mais, cinquenta, de Maria Eugénia, do mesmo lugar.

Da assinante 72561, de Leça do Balio, 30 euros.

De Judite, para os Gaiatos de Paço de Sousa, 50 euros. Outros cinquenta, que vieram de Tomar.

Bucelas, do assinante 75292, envia «esta pequena quantia para que possam socorrer os nossos irmãos mais necessitados».

Agora, temos 250 euros por transferência bancária.

Pagámos, na Farmácia, 320 euros, e em ajudas aos Pobres, 675 euros.

Recebemos dos nossos Amigos 493 euros.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**DESPORTO** — Depois de há quinze dias nos termos deslocado a Miranda do Corvo, agora foi a vez de recebermos os nossos Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal, para cumprirmos mais um jogo do Torneio Inter-Casas.

Chegaram alegres e bem dispostos. Todos com um sorriso nos lábios. É assim que estamos habituados a vê-los! Nunca aqueles Rapazes chegaram a Paço de Sousa, ou nos receberam em Setúbal, de semblante

carregado e contrariados. Para nós, é uma satisfação!...

Todos os nossos Rapazes são acolhedores e meigos. No entanto, é necessário incutir, em todos eles, muita calma e sensatez. Indicando-lhes o caminho da harmonia, da paz e da compreensão!

Estes convívios são fundamentais para que, cada vez mais, haja entendimento entre todos, para a renovação da mente de cada um, quando dele se faz parte, com boa intenção e livre de qualquer preconceito.

Se não, reparem no desabafo do «Brunito», da Casa-Mãe, quando viu chegar a carrinha: «*Já chegaram os nossos Rapazes de Setúbal!*». Nossos. Como os Rapazes gostam uns dos outros!

Diziam Pai Américo: «*Se eles se não amarem uns aos outros, quem os há-de amar?!*»

De seguida fomos todos para o almoço. Faz parte do programa do Inter-Casas; faz parte do convívio; faz parte integrante do ambiente familiar. Ou nós não somos uma Família?! Ai!, somos, somos...!

No fim da refeição foi servido, no nosso bar, o cafezinho da ordem. Rapazes todos juntos — ninguém sabia onde paravam os da comitiva da Casa do Gaiato mais a Sul deste País. Convívio completo. Sempre com a presença viva dos nossos Padres: João, Júlio e Telmo. O Inter-Casas é para isso mesmo. Para todos conviverem e fortalecerem as suas relações de amizade.

Pelas 15h30, o árbitro deu início ao respectivo «derby».

Aqui, já nem tudo correu como nós queríamos.

Um jogo mal jogado de ambos os lados, com uma arbitragem nem sempre bem conseguida. Uma coisa também é certa: «*ganha fama e deita-te a dormir*», como diz o ditado. Tudo que o árbitro fazia, bem ou mal, nunca estava certo. Mas isso é outro problema...! Um jogo com muitos golos: quatro para cada lado.

No final do desafio tudo mudou de figura. Novamente todos juntos e unidos, voltámos a um verdadeiro convívio no nosso salão de festas. Ali, já o jogo tinha ficado para trás e todos conversavam como que se ele não se tivesse realizado. Assim está bem. O que é preciso é estar presente!

### Classificação:

	J	V	D	E	G/M	G/S	P
P. Sousa	4	2	0	2	11	10	8
Miranda	4	2	2	0	12	7	6
Setúbal	4	0	2	2	8	14	2

Alberto («Resende»)

## MIRANDA DO CORVO

**VISITANTES** — Não tem abrandado o ritmo das visitas à nossa Casa. Nós gostamos de receber os nossos Amigos. Quando são grupos, se a visita for organizada, corre bem.

Assim, no dia 1 de Maio, quinta-feira, alguns Catequistas da Paróquia de Valongo, da Diocese do Porto, com o Pároco e Amigo, Padre José Alfredo, dinamizaram uma campanha na comunidade cristã; e deslocaram-se até Miranda do Corvo, para nos oferecer o almoço e os bens recolhidos, entre Amigos. Quando chegaram, já tínhamos as mesas postas e a refeição foi um alegre convívio. Visitaram a Casa e aconteceu um encontro muito agradável, que agradecemos e nunca esqueceremos.

A 9 de Maio, sexta-feira, a turma do Curso de Carpinteiro de Limpos (9.º ano), da Escola Secundária D. Dinis, Coimbra, com os seus Professores, realizou uma visita, durante a tarde desse dia. Os nossos Vítor e João estão a concluir este curso. Conheceram os espaços da Casa e seguiu-se um intercâmbio desportivo, depois dos Rapazes fazerem as obrigações. No campo de jogos, decorreu uma demonstração de rapante, uma gincana de bicicletas, com provas de perícia, e um desafio de futebol. Também trouxeram bens alimentares. Muito obrigado por este evento.

**PEREGRINOS** — Ao aproximar-se o dia 13 de Maio, pelas estradas desta região, caminham muitos peregrinos com destino a Fátima. A 10 de Maio, um grupo de peregrinos de Arganil, veio pedir acolhimento, no trajecto. Jantaram, participaram na Eucaristia, de Vigília de Pentecostes, e pernottaram na *casa nova*.

**BATATA** — Nos três terrenos de batateiras que plantámos, já se vêem os caules com as primeiras folhas. Vamos tratá-las para crescerem bem, embora o escaravelho seja uma praga que aparece.

**MILHO** — Na agricultura, o milho é uma cultura anual que necessitamos para aproveitar o grão e o caule. A nossa *terra dos grilos* foi lavrada e fertilizada para semearmos, com a alfaia, a 8 de Maio, o milho que comprámos. Os corvos, os melros e as pombas aterraram

logo... Depois, aplicámos herbicida. O tempo húmido vai ajudar à germinação.

**BENS ALIMENTARES** — Os géneros alimentícios, porque são caros e indispensáveis, são sempre bem-vindos. Assim, recebemos e agradecemos batatas de Amigos de Miranda do Corvo e ovos da Lousã e de Vila Seca, de que gostamos muito nas refeições.

A Enfermeira Sónia e o noivo, antes do seu casamento, como não queriam gastar em lembranças aos convidados, vieram oferecer a sua partilha para alimentação.

**ENFERMAGEM** — A Enfermeira Patrícia, veio entregar o seu trabalho de Estágio, entre nós, do Curso de Pós-Licenciatura de especialização em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica. Agradecemos o diagnóstico feito na sua Proposta de Trabalho.

**ANTIGOS GAIATOS** — O Professor José Crisanto é um antigo gaiato desta Casa e vive na Figueira da Foz. De sua mulher, Professora Natércia, que partiu em 2006, foi lançado, pela Porto Editora, um livro *Estórias da História*, em que, da sua venda, nos chegou uma partilha.

Muito obrigado!

**VIDA ESPIRITUAL** — O Secretariado Diocesano da Pastoral Familiar incluiu a nossa Casa numa cadeia de oração até ao dia da Igreja diocesana, em 18 de Maio, no Luso. O nosso dia de oração, lembrado no Terço, foi a 1 de Maio, dia de S. José operário.

A 2 de Maio, participámos na Eucaristia da primeira sexta-feira e, no sábado, a nossa Comunidade celebrou a Reconciliação, na nossa Capela, com os senhores Padres Saúl e Rolando; que também nos falou de Nossa Senhora, neste mês de Maria.

**PADRE HORÁCIO** — O nosso Padre Horácio partiu para o Céu no dia 6 de Maio de 2000, há 8 anos. Serviu a Igreja, na Obra da Rua, em especial nesta Casa do Gaiato e no Património dos Pobres, cerca de 50 anos. Por isso, a nossa Comunidade participou numa Eucaristia, na nossa Capela, em sua memória. Muitos Rapazes, antes de nós, criou e lançou na vida adulta. Um jardim, junto à cozinha, tem o seu nome e um medalhão numa pedra.

**LAR DE COIMBRA** — Durante a semana, onze Rapazes vivem no nosso Lar do Gaiato de Coimbra, na Travessa Padre Américo, que vai ter à Rua Dr. Dias da Silva.

Na sua visita pastoral à Paróquia de Santo António dos Olivais, esta Casa teve a alegria da visita do Senhor Bispo de Coimbra, D. Albino Cleto, a 7 de Maio, quarta-feira. Neste dia, encontraram-se todos os Professores voluntários e Catequistas com os Rapazes, para acolher o Pastor diocesano. Em ambiente de alegria, à volta de uma merenda, deixou palavras de grande carinho, dizendo que não se esquece de nós. Bem-haja!

Alunos da Alternativo

## MOÇAMBIQUE

**O COMEÇAR DO DIA NESTA CASA DO GAIATO** — Às cinco da manhã ouvem-se as primeiras badaladas, pausadamente o Sol desperta no horizonte, os passarinhos cantam ao desafio, chilreando, e o levantar dos nossos Rapazes marca mais um dia de labuta.

A higiene oral e do corpo, a oração da manhã, é a frescura do rosto dos nossos Rapazes; e só depois vêm as limpezas diárias das habitações, antes do primeiro almoço. Viram e reviram camas de um lado para outro, num barulho de ensurdecer, para que o lixo não fique pelo caminho; rodopiam baldes, vassouras, esfregonas e rodos para expulsar a sujidade dos dormitórios; não dão tréguas aos mais dorminhocos, para que estes não virem a cabeça uma vez mais no travesseiro; abrem-se janelas para afastar os odores.

Fora das casas, de mangueiras e bacias com detergente, lavam os passeios, para que pragas rastejantes ou parasitas persistentes não se instalem nas habitações, ou causem danos irreparáveis na saúde dos nossos meninos, como a malária, ou outras doenças.

Tudo fica limpo, desinfectado e cheiroso, para não pôr em risco a saúde pública de quem por lá passa.

Na sala de jantar, o silêncio antes de cada refeição é sagrado, nem as moscas ousam fazer-se ouvir, para que o chefe da Casa, escolhido democraticamente, dê aos nossos Rapazes, um pequeno-almoço recheado de recomendações e distribuição de tarefas a todos os que porventura não tenham aulas, ou qualquer outro trabalho marcado. Os demais, vão para a escolinha e primária.

A ausência da Irmã Quitéria por motivos de saúde, aumentou a responsabilidade do Chefe na sua vigilância, para que tudo corra democrática e normalmente, assim como o nosso Padre Zé fique mais desafiado.

O dia ainda é uma criança com a chegada de mais crianças vindas da Massaca, Boane e de outras localidades, transportadas nos mini-autocarros, para as nossas instalações, acompanhadas dos seus professores e educadoras de infância, para receberem formação intelectual e educacional condigna, para que um dia sejam o futuro deste país De igual modo os nossos operários chegam em transportes da Casa para dar continuidade aos trabalhos que lhes estão pré-programados.

Um outro grupo nos aparece, são as mães das Massaca que, pelo reconhecimento dos bens recebidos ao longo de anos desta Casa, como a habitação, o vestir, a saúde e o matar a fome, trazem consigo enxadas para uma jornada de limpeza aos capins que envolvem as casas de habitação da nossa Aldeia e também o afastar de répteis ou outros bichos mais inconvenientes. Percorreram quatro quilómetros para chegarem até nós e voltaram da mesma forma para junto de



## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE



**MANUEL PINTO** — Nasceu a 31-05-1936 e faleceu a 31-03-2008, com 71 anos, o nosso «Amarante». Veio para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa ainda pequenino, onde foi aprendiz de alfaiate. Trabalhou no Liceu Alexandre Herculano como contínuo e estava há muito reformado. Rapaz modesto, sempre lidou com a nossa Casa de muito perto. Foi um dos fundadores desta Associação e era presença assídua dos nossos encontros de 16 de Julho.

Deus o tenha junto a Si e a Pai Américo que ele tanto amava.

À família enlutada, os nossos mais sentidos pêsames.



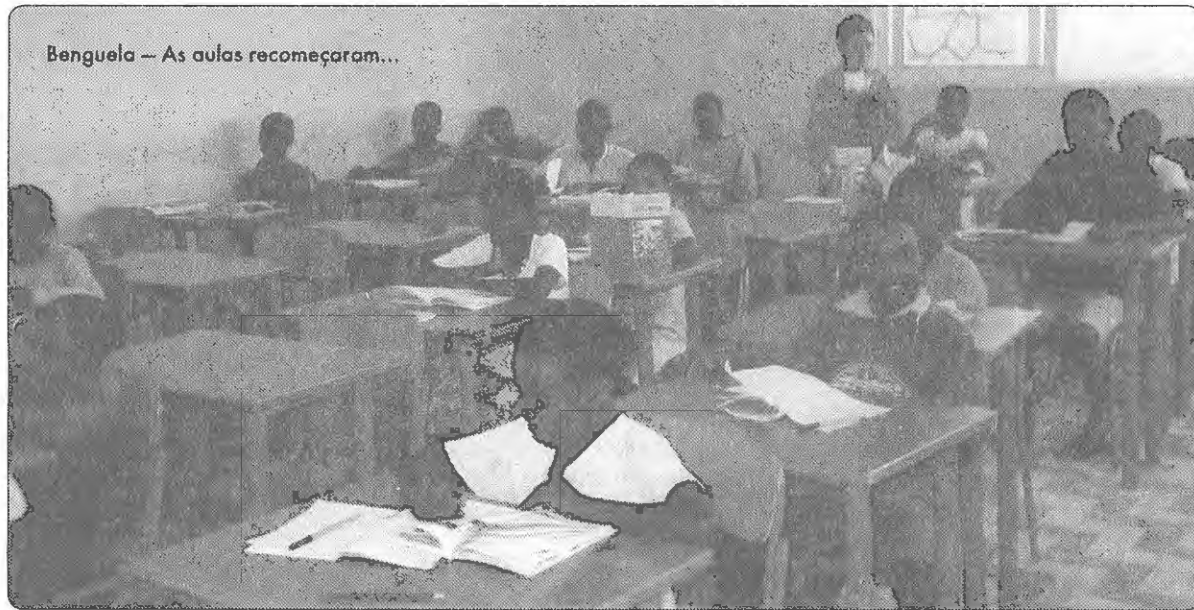
**FERNANDO MACIEL** — Faleceu em 01-05-2008, aos 56 anos — nasceu a 13-07-1951 — vítima de doença prolongada, o nosso «Cobrita», irmão de mais dois dos nossos: o João Evangelista e o Maciel. Veio para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, com 8 anos — 08-08-1959.

Passou pela nossa tipografia, onde trabalhou na expedição do Jornal e aprendeu a profissão de impressor.

Foi durante muitos anos vendedor d'O GAIATO na cidade do Porto.

«Deus lhe dê o eterno descanso, que descanse em paz.»

Júlio Fernandes



Benguela — As aulas recomeçaram...

## BENGUELA

# Amor: fonte da felicidade

**D**EPOIS duma pausa de duas semanas, as aulas recomeçaram. Fomos surpreendidos, alguns dias antes, pela visita dum grupo de estudantes das várias Associações espalhadas por Angola. Quiseram partilhar connosco a beleza e a generosidade dos seus corações. Foi a primeira vez que aconteceu. Os sacos de arroz, de açúcar e os cantis de óleo alimentar, banhados na alegria do encontro, marcaram o ponto alto da visita. Deram conta de que não podem caminhar sozinhos pela vida, isolados da multidão de filhos e de filhas, com os mesmos direitos e a mesma dignidade deles, mas prostrados à margem da estrada, porque não têm as mãos que os acolham e abracem.

Fizeram uma experiência que ficará gravada numa página do livro das suas histórias, como um dos momentos felizes das suas vidas. Assim o confessaram. E, porque querem a felicidade, perceberam que o amor autêntico é a sua fonte. Eis o significado tão rico desta visita!

Por isso, a porta aberta da nossa escola a tantos filhos que, doutro modo, ficariam no chão, é um diamante que contribui para a verdadeira riqueza de Angola. Sim, a grandeza da nação está escondida no coração dos seus filhos. De todos os seus filhos. As crianças da rua são parte do tesouro a ser explorado com a técnica do Amor. Vejo-as, todos os dias, a deambular pelas ruas da cidade, cada vez em maior número. Que fazer? Não podemos desanimar. Sofrer por elas é uma forma de as amar, enquanto nada mais se pode fazer. A nossa Casa está cheia. São precisas outras forças vivas. Vamos continuar.

Subi, mais uma vez, ao morro, onde vivem milhares de pessoas em situação de pobreza extrema e misé-

ria. Conheço o bairro, há muitos anos. Fui levado pela força das lágrimas dalgumas mulheres, mães de filhos, sem marido, a braços com a falta de casa para viver ou em risco de cair. Como de costume, crianças sem conta saem de todos os lados. Quem me dera ver um ambiente saudável que as ajudasse a crescer de tal modo que não aceitassem viver na miséria, aparentemente felizes, como estão! Quanto trabalho dedicado de alma e coração é necessário na preparação do salto para uma vida digna destes filhos, embora pobre! Batem diariamente à nossa porta. Dei um salto ao banco a ver a situação da nossa conta. Baixinho, como quem não quer fazer sofrer, ouvi a voz do responsável: — *Tem um buraco que é preciso tapar.* Estou habituado a encontrar buracos na vida das pessoas que nos procuram e hei-de continuar a trabalhar para ajudar a cobri-los desde o fundo. O nosso buraco fica por vossa conta!

Se houver condições que ajudem a promover as famílias e os filhos que vivem em ambiente degradado, a reacção favorável acontece. Estou a lembrar-me deste nosso filho que, há dias, como outros também fazem, pediu-me para estudar na Universidade, depois de acabar o ensino médio. Neste momento, é funcionário público e estuda também. Abandonado pelo pai, viu a morte da mãe, durante a guerra, quando ia às suas costas. Ficou sem ninguém. Acolhido, entretanto, pelas Irmãs religiosas com todo o carinho, cresceu até à idade de vir para a nossa Casa. Agora, como cidadão normal, está preparado para se integrar na sociedade. É a maravilha que, nos momentos mais duros da vida, enche o nosso coração de esperança. E o vosso também.

Padre Manuel António

suas casas, alegres e contentes pelos flash tirados enquanto capinam.

Padre José Maria, pelo fim da tarde vai com o seu meio de transporte, não só pela distância, mas também, pelo cansaço do seu trabalho ao longo de anos, percorrer as oficinas, obras, pecuária, e o sector de agricultura, para verificar se tudo está de acordo com a sua orientação, se não está, chama o responsável e corrige o que de menos bom.

As obras, são o quebra cabeça desta Casa, pelas capacidades reduzidas demonstradas dos nossos operários. A serralharia com o mestre Lourenço vai menos mal. A carpintaria, que está à responsabilidade de uma Irmã, deixa o nosso Padre Zé mais desafogado. A mecânica, orientada pelo nosso Ivo cuja competência não lhe falta, é outro dos sectores que deixa o responsável pela Casa sem grandes preocupações. Esta é a vida da Casa do Gaiato, em Maputo.

Júlio Silva

## Uma carta

*«Venho expressar o meu agrado e estima pelo vosso trabalho e a pontualidade com que chega O GAIATO.*

*É uma leitura que me enriquece e faz-me entrar mais afetuosamente no mundo dos Pobres e na vida daqueles que mais sofrem, nesta sociedade tão enfraquecida dos valores humanos, morais, espirituais, éticos, etc.*

*Alegra-me sempre com os testemunhos dos Rapazes e o empenho que dedicam nas tarefas do campo, da Casa; o entusiasmo com que comunicam os resultados de futebol. Dá mesmo gosto acompanhar o empenho e dedicação desta «Obra» tão maravilhosa na Igreja. Que Deus seja louvado pelo vosso trabalho.*

*Desejo a toda a equipa os maiores êxitos e a todos quantos se dedicam a este trabalho de evangelização, as maiores bênçãos e graças de Deus.*

*Bem-haja a todos. Cumprimentos amigos e a certeza da nossa oração.*

Rabo de Peixe, 04 de Maio de 2008.»

## DOCTRINA



O sentido das realidades

**A**O entrar hoje no Lar do Porto, o Júlio comunicou-me que haviam estado ali dois senhores a saber se tínhamos um rapaz idóneo, os quais deixaram o seu cartão e o nome da Firma. Não é a primeira vez que tal acontece. Outros senhores têm estado ali com igual propósito. Muito bem. Procuram-se rapazes no Lar do Gaiato. Não é a lei da oferta. É a da procura. É o encarecimento. Bendito seja Deus de Israel!

**E**STÁ para vir ao mundo a pessoa que não compreenda a alegria destas notícias, nos que têm sobre os seus ombros Obras desta natureza. Eu sou esse homem. Mas a par dessa alegria existe o medo. O justificado receio de que estes rapazes não correspondam ou correspondam mal ao que deles se espera. Eu não me canso de prevenir. Não é sem uma intenção determinada que nós damos à publicidade toda a série de actos desonesto que os rapazes cometem no à-vontade da nossa Aldeia.

**V**AMOS ao caso do «Zé da Lenha», aqui citado no derradeiro número d'O GAIATO. Ele é da Casa há mais de dois anos. A quantos tribunais não tem ele assistido! Que bela doutrina não tem ele escutado sobre o sétimo preceito da Lei! Quantas vezes não terá o «Zé da Lenha» ouvido da boca do seu confessor a palavra quente e divina que auxilia o influxo da Graça — quantas! E, no entanto, como os leitores tiveram ensejo de ver, dada a ocasião, aparece o ladrão! O rapazinho, muito vivo e muito inteligente, rouba e leva outros a roubar!

**Q**UANTO mais procuram os meus filhos, maior o medo de que eles venham a falhar. Ainda outro dia fui pessoalmente a casa de um Patrão dizer qual o ponto fraco de um. E sempre que passo pelo Lar do Porto, nunca deixo de chamar o dito muito para o pé de mim, fixar os meus olhos pecadores nos dele, demorar a vista, penetrar na alma, prevenir — chorar! Eu ando sempre cheio de medo. Eles são tantos! O mundo espera tanto deles!

**P**ESSIMISTA? Um cristão é por definição um homem que tudo espera e tudo crê. Pessimista não. Então quê? O sentido das realidades. Quem resiste à tentação do dinheiro? Se os bem nascidos caem nelas, que muito estes assim façam? O dinheiro tem o poder de compra. As lojas, nas cidades, sucedem-se umas às outras, todas a abarrotar. Dentro, caixeiros para servir. Facilidades. O rapaz espreita, tem a gorjeta que lhe deram ainda agora — outra desgraça social! Ele é o mesmo que dantes espreitava àquela mesma porta!... Quando não tem gorjetas, ou estas não chegam para aquilo que ele pretende, dá um passo em falso!

**T**EMOS uma consolação: é que martelamos. Não passa um caso de furto nas nossas Comunidades, que não seja descarnado até fazer sangue. Mais consolações: a certeza de que não perdemos os passos e que a Criança guarda tudo no peito para abrir... a seu tempo. Mais consolações ainda: se é tão amargo ir buscar-lhes à alma o que a Rua lhes deus, quem havia de amargar o tê-los deixado na Rua?!

**V**ENENO não. Não lidamos com veneno. O veneno é morte. Mas tirar o amargo à vida dos outros é dulcificar a própria. É o prémio do amor.

*Padre Manuel António*

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

# Jornada dos Meios de Comunicação Social

**F**OI há uma semana o 42º Dia Mundial das Comunicações Sociais e desde o primeiro os Papas têm marcado presença com uma intervenção doutrinal — tal a importância desta área na vida das pessoas e da sociedade.

Hoje, dotada de meios tecnológicos verdadeiramente dignos de admiração que penetraram rapidamente na intimidade dos lares, ao alcance das crianças desde tenra idade — a Comunicação, imediata e concomitantemente, se tornou espada de dois gumes: um, instrumento apreciável para *cortar a direita* ao serviço do Homem, de valores autênticos que lhe enriquecem o presente em ordem ao crescimento incessante que é próprio do homem não perder de vista; o outro, *instrumento de risco*, mais apto para ferir do que a qualquer efeito conveniente ao Homem.

Esta contradição é sintoma de um mundo deficiente de Verdade e saturado de interesses que cegam os homens para os malefícios dos meios com que empreendem os seus fins, sempre da espécie de um lucro. Claro que não são todos os homens! Mas o que dói, é que uma postura assim é de uma classe deles que teria sobre si um dever pedagógico

perante a Sociedade, dever que não cumpre nem se vê quem lho faça cumprir.

Gastam-se páginas e páginas, tempos de antena sem fim, notícias e programas de uma *chateza* extrema, estimulantes do que há de menos nobre, de menos humano nos homens, explorando tendências mórbidas, curiosidades doentias a respeito de casos insólitos que desviam as atenções de uma reflexão saudável sobre problemas instalados (e são tantos!) que estorvam a harmonia social e consequentemente a paz dos cidadãos. Só a desgraça acontecida, ou produzida pela má cabeça e débil consciência de alguns, é notícia.

Conversámos um dia destes, Padre Telmo e eu, sobre realidades da África austral. Não há dia em que os *media* não tenham algo a dizer acerca delas: guerras, fome, epidemias, catástrofes naturais... e, tanto quanto não incomode muito o poder económico e o poder político, alusões aos desvarios dos que por lá governam... Quem me indica, por exemplo, um lugar mediático em que se tenha falado há pouco, ou se fala com alguma frequência, da Namíbia?... Padre Telmo esteve lá há algum tempo. Eu tenho ouvido dos nossos «velhos» Rapazes de Benguela que têm contactos regulares com aquele país, de como ali é um *outro mundo*: de ordem, de segurança, de suficiência, de eficácia no controle de tendências viciosas, nomeadamente álcool e tabaco... Padre Telmo corroborou: «Até os animais selvagens reflectem aquela paz!»

Será, talvez, naquele subcontinente a única pátria que *se encontrou* após a independência... Por isso, não é notícia?!

Não admira, pois, que os Papas e a Igreja em geral se debrucem preocupados sobre os rumos da Comunicação Social; e certamente o mesmo acontece nas outras Igrejas cristãs. Todas são guardiãs do Evangelho e Ele é a *Boa Nova* que indica aos homens a Eternidade, mas não olvida o Tempo e o ilumina e alenta com a Sua Sabedoria.

Quem dera as Comunicações Sociais, por sobre outros valores, alguns legítimos, assumissem prioritariamente este: o de ajudar os homens a tornar o Mundo melhor.

Padre Carlos

## PENSAMENTO

**Eu tenho que nós, se quisermos ser acreditados pelo povo de hoje, temos de apresentar o Evangelho com obras, que a palavra já não basta. Porquê? Por causa da palavra e das obras dos adversários. Eles dizem. Eles fazem. Eles dão o sangue. Hoje é assim. Nada disto enfraquece, evidentemente, nem sequer diminui o poder do Evangelho. Mas enfraquece-nos a nós, se não o pomos por obras.**

PAI AMÉRICO

## CALVÁRIO

# Duas Marias

**E**STA, a Rosário, foi, há dias, a sepultar no nosso campo santo, situado no plano mais alto da nossa Quinta, rodeado de carvalhas, cedros e sobreiros. A caminhada, que é preciso percorrer pela encosta, é a ascensão simbólica dos que vão partindo.

Esteve connosco 40 anos. Conheci-a numa das praias da nossa costa. Era uma criança com sequelas de meningite, tendo alguns membros atrofiados.

Fiquei estarecido quando me disseram onde ela vivia — uma fuma. O local de rochas calcárias abre, por vezes, profundas grutas. A porta desta era feita de tábuas velhas. Dentro, apenas uns trapos onde pernoitavam a pequena e a avó. A mãe, essa, vagueava pelas ruas da cidade próxima de onde nunca voltava. A miséria morava naquela família.

Trouxe-a comigo meio assustada ao entrar no carro. Foi um salto brusco da idade das grutas para os nossos dias.

Lentamente foi-se adaptando e tornou-se muito útil. Tinha um jeito especial para dar a comida aos mais pequenos do que ela. Era limpa e gostava de ver tudo limpo. Todos dela gostavam e ela de todos gostava. A Rosário sorria sempre no seio da nova família que a acolhera.

A sua cama ficou vazia por pouco tempo. Uma senhora russa, outra Maria, veio ocupá-la. Veio da Rússia já há alguns anos. Sofreu, entretanto, um acidente vascular cerebral e ficou hemiplégica. A filha, que a mandara vir, deixou de poder trabalhar para estar ao lado da mãe. A situação era difícil para quem é emigrante. Fomos a única porta que se lhe abriu para receber a mãe.

A serenidade com que esta encara a existência, impressiona. Todos a rodeiam para que nada lhe falte. Não há como os rejeitados para entenderem os da mesma condição.

Não fala a nossa língua, mas isso pouco importa. A linguagem gestual é universal. Como é fácil entenderem-se os simples!

Eu ando a ver se aprendo alguma coisa de russo para que ela não se sinta tão estrangeira.

Esta pobre enferma não encontrou quem a recebesse, pois não tinha meios para pagar a estadia num lar. Ora, no dia em que a recebemos comunicaram-me do Banco que fora ali depositada uma quantia elevada. Era o Pai do Céu, sorrateiro, sempre amigo e atento. Por vezes, exagera, para que nada falte aos doentes que vamos acolhendo.

Esta Maria teve o carinho do Alto antes do nosso. O Pai celeste esconde-Se, mas conheço bem a Sua assinatura nestas coincidências.

Padre Baptista

# Património dos Pobres

**A**NTES de dar conta das várias acções que o Património projecta e realiza, em vários pontos do País, vou dar voz aos Leitores que me têm escrito e ajudado.

Sabe-me bem sentir o Espírito de Deus a falar no coração das pessoas e a orientar-me sem desvios, com tudo o que me vão dando, e eu sou, em direcção aos que mais precisam relativamente à *sua casa*, em primeiro lugar, sem me deixar comer nem iludir. Só não tenho respondido às cartas endereçadas sem direcção, citando o Evangelho: «*Que a tua esquerda não saiba o que faz a direita*». E outras formas de discrição cristã que muito me edificam.

De Faro, assinante 64568: «*Como antigo estudante de Coimbra, encontrei o Rosto de Jesus Cristo num Pobre que conheci... em 1987 e que o Senhor me deu a graça de ser Seu instrumento para poder ajudar aquele irmão. Nunca mais me esqueci dessa experiência que mudou o meu coração e a minha forma de estar na vida*», 50 euros.

Como seria salutar e seguro, se toda a gente baptizada frequentasse a mesma escola!... Não haveria tantas defecções e o calor apostólico derreteria o gelo actual dos corações abatidos e desnorteados!... Mas este método está, para muitos, ultrapassado.

De Aguiar da Beira, sem remetente, 150 euros, com um «*Bem-hajam pela vossa acção em favor dos Pobres*». Vale de 20 euros, de Queluz. Assinante 23785, 50 euros. Maria Adelina, o mesmo. Idem, «*para ajudar a recuperação do africano paraplégico*». De Braga, com um conselho: «*Não registem o que forem recebendo. Não preciso de recibo, pois o meu vencimento não dá desconto para o IRS. Tudo está nas mãos de Deus que continua a dar-vos*

*coragem*», cem euros. A mesma quantia de Linda-a-Velha a pedir oração pelos «*meus bisnetos*».

Da Figueira da Foz, «*para leite e fraldas de um bebé*», 200 euros. Já lhos dei. Das Senhoras de Cascais, 220 euros.

«*Li n'O GAIATO a aflição do Padre Acílio pela saúde de um irmão nosso, africano, que está entre nós e ao nosso encargo — já que os poderes públicos, como é hábito, lavam as mãos*», cem euros. «*Para essa santa comunidade*», assinante 77676, sessenta euros. Da Rua de S. Dinis — Porto, 25 euros. De «*Uma Velha Amiga*», também do Porto: «*O cunho ou selo do Divino está bem patente em todas as aventuras que a Obra do Gaiato tem realizado*», cem euros. Mais, quinze, de Maria da Conceição e duzentos, de Maria Helena, ambas de Lisboa. De Carcavelos, Maria Albertina, manda cem euros, mas não quer recibo nem agradecimento. Nós damos Graças a Deus. A Ele tudo devemos!... Da Covilhã, com doloroso desabafo, vêm ofertas de fazendas e livros para África.

Voltamos à Capital e encontramos, em admirável escondimento, o Tiago, com 1500 euros, e a Maria Graziela, com trinta. A Julieta: «*Peço-vos uma oração pela saúde de meu Marido*», 100 euros. No Sacrifício Eucarístico ponho todos os pedidos. Assinante 1435, quatrocentos euros. Maria Luísa, quinhentos. Assinante 78772, duzentos e cinquenta. Mais, de Rio de Mouro, assinante 22890, cinquenta euros.

Mais, da Guarda e de Celorico da Beira, a pedir oração pela saúde do filho, 50+50 euros. O assinante 11282, 125 euros.

De Fiolhais — Louredo: «*Motivada e verdadeiramente tocada...*», 100 euros. De Portimão: «*Uma pequena*

*ajuda, mas com muito amor*», 150 euros. Da mesma cidade: «*Os tempos estão muito alterados e os valores dissolvem-se no valor crescente dos dinheiros*», 100 euros. «*Obrigado por ler n'O GAIATO tantos gestos nobres, sempre no caminho do Bem*», 50 euros. Assinante 52820, de Aveiro, cem euros.

«*Continuo a pedir ao Senhor que envie sacerdotes para a Obra*», 50 euros para cada Casa de África. Já dei ao Padre Telmo e ao Padre José Maria.

As Senhoras Amigas, de Castelo Branco, telefonaram várias vezes e enviam 500 euros. Outra, fora deste grupo, mas da mesma cidade, em memória da «*minha querida irmãzinha que partiu para o Céu (...)* resolvi aumentar a mensalidade que me propus enviar-lhe», cinquenta euros.

De Bucelas: «*Continue. Esse é o caminho da Obra da Rua*», cem euros. A mesma quantia de Casal Braz. Mais, 250 euros, do Senhor Padre Henrique. Da Corujeira de S. Martinho do Bispo, quinhentos euros.

Coimbra: «*Desejando as bênçãos do Senhor*», 100 euros. «*Uma Leitora assídua*» a viver num Lar de Terceira Idade, «*junta cem euros*». «*Uma recém-convertida em Cristo*», 150 euros. De Vila Nova de Famalicão, assinante 4395, manda cem euros.

Leiria: «*Na Igreja Pobre, o excedente do necessário é para repartir pelos Pobres e não para acumular riqueza! Desculpem a atrevimento*». Não vou dizer qual é o atrevimento, mas concordo com ele.

Beja, também marca presença «*com magra ajuda*» a pedir orações «*pela minha filha*».

Que Deus seja louvado!...

A direcção postal do Património dos Pobres:  
Lar do Gaiato  
Trv.ª Padre Américo  
3000-313 Coimbra.

Padre Acílio